

RESENHA

O REVISIONISMO HISTÓRICO E A LIQUIDAÇÃO DA TRADIÇÃO REVOLUCIONÁRIA

RESENHA DE LOSURDO, Domenico.
*GUERRA E REVOLUÇÃO: O MUNDO UM SÉCULO APÓS
OUTUBRO DE 1917.*
TRAD. ANA MARIA CHIARINI E DIEGO SILVEIRA COELHO
PEREIRA. SÃO PAULO: BOITEMPO, 2017, 398 P.

IAGO AUGUSTO MARTINEZ DE TOLEDO*

Guerra e Revolução: o mundo um século após Outubro de 1917, de Domenico Losurdo¹, lançado em maio de 2017, é obra contundente e polêmica, que traz à luz o necessário debate sobre a questão do Revisionismo Histórico. Com o esfacelamento da Clio, serializada e fragmentada, na indumentária da ordem e prisioneira do mercado, o Revisionismo Histórico e seus epígonos declararam guerra à historicidade. Em nome de uma ciência axiologicamente neutra, os revisores da história acabam por legitimar o imperialismo, o colonialismo; o estado de guerra total torna-se necessário em nome de uma cruzada democrática ocidental contra a barbárie oriental. Municiados de um discurso socioliberal, os revisionistas realizam uma genuína “crônica política”, matizados por um

talhe metodológico especial; incluso aí, abstrações arbitrárias, o colocar entre parênteses excludente, redutor da liberdade dos indivíduos através de um esquema gradualista a fim de apagar as contradições objetivas e a realidade como campo de possibilidade, transformação, efetivação e superação, somado a omissões sucessivas e à apologética estética e pedagógica da guerra. Buscando um “fio condutor” para as teses do Revisionismo Histórico, Losurdo, em tom de denúncia alinhado a uma escrita tão mais clara quanto crítica, traça o percurso dessa concepção em seus representantes, destacando: François Furet, Ernst Nolte, Richard Pipes, Friedrich A. von Hayek, Eduard Bernstein, Robert R. Palmer, Hannah Arendt, Carl Schmitt, August Cochin e mais inúmeros autores referenciados em seu texto, de todos os modos possíveis, sem deixar passar despercebido por aqueles autores em que os outros se assentam, tais como Edmund Burke, Alexis de Tocqueville, e outros, como se imiscuídos em um manancial conservador, às vezes monarquista, e contrarrevolucionário.

Segundo o autor de *Guerra e Revolução*, há um núcleo em comum que perpassa as teses do Revisionismo Histórico, uma afinidade de aniquilação da tradição revolucionária; tratamento confluyente com a exegese das “rupturas” ou revoluções apenas como espumas no mediterrâneo da história. Para tanto, centralizado nas figuras de François Furet, Ernest Nolte, Richard Pipes e Hanna Arendt, os três primeiros capítulos da obra de Losurdo demonstram um verdadeiro balanço historiográfico. O quarto e quinto capítulos tratam de expor, em conexão profunda com os três primeiros, os “recalques” do Revisionismo

Histórico, isso em relação à questão colonial, as guerras na Ásia, a expansão para o Oeste estadunidense, a relativização do Holocausto; é o clímax da dicotomia civilização e barbárie, ocidente e oriente, liberdade e escravidão, bem como o alinhamento do discurso dos revisionistas ao de personagens históricos singulares, que assumem formas como Churchill, Franklin Delano Roosevelt, Hitler, Henry Ford e Ludwig Von Mises, em justaposição com a ciência histórica representada, para uns, como a corrida da expansão da democracia ocidental, e, para outros, aparecendo como a missão civilizatória da colonização; justifica-se aos olhos dos revisores da história, portanto, o imperialismo, a expansão pela guerra, e a barbárie do ocidente. O sexto capítulo, dedicado ao Revisionismo Histórico na Grã-Bretanha, não em vão carrega o título de “Saudade do Império”; um sentimento que promove certo esforço dos historiadores ingleses para reabilitar a tradição colonial. Se o Terceiro Reich admira e assume como modelo o Império Britânico e o Império Estadunidense, os revisionistas ingleses promovem uma tácita “amputação temporal” da história do colonialismo ocidental, excluindo dessa história o Terceiro Reich, legando-o o lugar de “resto do mundo”; o que antes era ocidente é reduzido a um lado sombrio, intocado, até negado, por suas atrocidades bárbaras, “não ocidentais”. O expoente do Revisionismo Histórico da Grã-Bretanha, contemplado em grande parte da exposição de Losurdo, é Niall Ferguson, que intitula seu livro como: *Empire: How Britain Made the Modern World*. O sétimo e último capítulo comporta uma aglutinação de temas fundamentais que percorrem *Guerra e Revolução* desde sua primeira página até a última: a partir de um exame crítico de *O Livro Negro do*

Comunismo, é traçado o perfil daqueles historiadores que promovem determinada caricatura historiográfica dos processos históricos; a fuga para o passado, em direcionamento para séculos supostamente menos sangrentos e mais “felizes”² revela uma lógica eurocêntrica e “negacionista” implícita, onde são recalçados os inúmeros massacres da tradição colonial, em um obscurecimento da consciência histórica do próprio século XX, século este encenado pelos revisionistas como o a história do ocidente como a democracia para “o povo dos senhores”, um olhar para o mundo tão docemente falseado pelos suspiros e mistificações da ideologia dominante, o mundo abalado pela Revolução Bolchevique.

Pode-se dizer, em certa medida, que Losurdo segue a simples formulação marxiana de que aqueles historiadores de uma determinada época histórica compartilham das ilusões dessa época, momento em que as representações tornam-se forças ativas e dominantes da práxis real desses homens. Buscando pegadas no labirinto de revisitações e reinterpretações da história pelo Revisionismo Histórico, o autor de *Guerra e Revolução* constata que há um “fio condutor” que seguem as leituras dos revisionistas, condução ininterrupta de uma concepção ideológica da história, ao passo que a ideologia aterroriza aqueles que experimentam sua utilização como negação do real em nome de interesses superiores; faz-se presente, a esses revisores da história, um olhar que se exercita a partir do prisma deformante do *Gulag*, contraposto a um discurso objetivo, científico, sem qualquer engajamento, para o único bem da ciência histórica. No entanto, assiste-se a um mergulho frio no passado para conservar o presente, e prevenir-se do futuro incerto. Por esta via, é

nítida a convergência entre liberalismo e Revisionismo Histórico, tratando-se de uma face mais diretamente política e outra mais historiográfica, de um mesmo movimento. Segundo Losurdo, revisionistas como Nolte compreendem, ao levar a cabo o extermínio de judeus, que Hitler considerou a “barbárie asiática” dos Bolcheviques e o “genocídio de classe” que estes consumaram tanto como modelo quanto perigo a ser evitado a qualquer custo; constructo de uma crônica histórica, tal conduta dos nazistas são uma política de “contra-aniquilação” que responde ao desafio de “aniquilação” colocado em prática pelo regime de Outubro de 1917. Sobre esse mesmo aspecto, não só o horror do Terceiro Reich é fenômeno derivado, mas também seus crimes até 1941 são resultados de uma resposta ao bolchevismo, no qual têm crimes incomparavelmente mais graves que a política de “contra-aniquilação” de judeus realizada por Hitler: é assim traçado o balanço de Furet³. Igualmente, para explicar a devastação provocada pela “doença revolucionária” do século XX, Pipes volta à Revolução Francesa e ao Iluminismo, os interpretando como Furet; por sinal, Pipes, após realizar a crítica da Revolução Francesa e a condenação do jacobinismo, advertiu sobre a necessidade de submeter os acontecimentos realizados em Outubro de 1917 a uma impiedosa análise. Com a denúncia do bolchevismo realizada por Nolte e a aparente necessidade de dar um passo atrás, englobando a Revolução Francesa em sua totalidade, está posto o alvo principal do Revisionismo Histórico: todo um ciclo histórico que se inicia em 1879 e culmina desesperadamente em 1917. Todas essas revoluções são interpretadas não de acordo com as contradições objetivas e suas condições de realização histórica, mas como

“delírios ideológicos” de revolucionários sedentos por sangue e terror, baseados em ideias abstratas sobre alguma suposta universalidade humana, para, finalmente, tomarem o poder estatal e instalarem um regime totalitário; totalitarismo forçado por golpe de estado, segundo os revisionistas, em um regime que eleva ao estatuto jurídico e político o direito da “ralé”. Do outro lado do Atlântico, modelo de uma revolução genuinamente democrática, está a Revolução Americana; uma revolução pelo alto que não traduziu à esfera pública à necessidade política dos decaídos das classes baixas, verdadeiro guia de uma democracia perfeita ao modo de Tocqueville, tão desejada e cultuada pelo Revisionismo Histórico. Losurdo esforça-se, ao longo de suas páginas, para expor a inviabilidade histórica dessas teses aparentemente sedutoras, tão mais rombudas quando revelam seu verdadeiro aspecto: a liquidação da tradição revolucionária, a impossibilidade da mudança, e a entrega da história ao ser derrelito.

* Graduando em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).
<http://orcid.org/0000-0002-5590-7078>

¹ Domenico Losurdo nasceu em 1941, na Itália; professor de História da Filosofia na Universidade de Urbino possui vasta publicação de suas obras no Brasil, entre elas: *Contra-história do Liberalismo* (Ideias e Letras, 2006); *Liberalismo: entre civilização e barbárie* (Anita Garibaldi, 2006); *Nietzsche, o rebelde aristocrata* (Revan, 2009); *A Linguagem do Império: léxico da ideologia estadunidense* (Boitempo, 2010); *A Luta de Classes: uma história política e filosófica* (Boitempo 2010); *Hegel, Marx e a Tradição Liberal: liberdade, igualdade, Estado* (Unesp, 1998); *Democracia ou Bonapartismo: triunfo e decadência do sufrágio* (Unesp, 2004).

² “(..) Aonde tal fuga poderia nos levar? Ao século XIX? Dentre os inúmeros massacres que o caracterizaram, basta pensar na dizimação da população do Congo, à qual se refere Hanna Arendt; além do mais, é na esteira desse século que Hitler parece querer se acomodar, empenhado em querer reviver as glórias do expansionismo colonial. Ao século XVIII? Horrível é o destino reservado pela Grã-Bretanha àquelas colônias internas que são a Escócia e a Irlanda, enquanto, entre as duas margens do Atlântico e na América, se consumam o *Black Holocaust* (segundo a definição dos descendentes dos negros escravizados) e, ainda, o *American Holocaust* (segundo a definição dos descendentes

dos peles-vermelhas destituídos de suas terras e massacrados). São tragédias em pleno curso já no século XVII, século que, com a Guerra dos Trinta Anos propriamente dita, serve de ponto de referência a não raros historiadores contemporâneos para a interpretação do século XX. Deveríamos retroceder ainda mais até chegar ao século XVI ou XV? Deparamos então com o que um eminente intelectual – Tzvetan Todorov – definiu como ‘o maior genocídio da história da humanidade’. Aliás, seria bastante inusitado contrapor a época da conquista das Américas ao século das infâmias de Hitler, que, graças a sua guerra de extermínio contra os ‘indígenas’, pode ser considerado o último dos conquistadores!”. LOSURDO, D. *Guerra e Revolução, op. Cit.*, pp. 357-358.

³ Sobre o caráter conservador e contrarrevolucionário de certas crônicas históricas e historiográficas é tocante à afirmação do próprio Furet, estampada por Dosse, em *A História em Migalhas*, a respeito da história da longa duração: “No fundo, esse tipo de história (a dos tempos longos e do homem médio) é uma história em que reconheço, de bom grado, a vocação conservadora, porque a partir do momento em que vocês começam a comparar, não mais os acontecimentos que marcam uma mudança, mas sim os elementos que são sempre os mesmos através de uma cronologia, e evidente que, por hipótese ou por definição, vocês arriscam a encontrar as inércias; por consequência, esse tipo de história parece-me ser um bom antídoto para à história, digamos, manchetero-marxista do século XIX”. Cf.: Furet *apud* Dosse. *A História Em Migalhas*. Trad. Dulce A Silva Ramos. São Paulo: Ensaio, 1994, p. 221.